

A TRANSFORMAÇÃO DE GAIA EM MERCADORIA: OS INTERESSES DO CAPITAL E A NECESSIDADE DE UMA REVOLUÇÃO PLANETÁRIA

LA TRANSFORMACIÓN DE GAIA EN MERCANCÍA: LOS INTERESES DEL CAPITAL Y LA NECESIDAD DE UNA REVOLUCIÓN PLANETARIA

Reasilva Aurora; Arllán Maciel; Mateus Ferreira Santos



A TRANSFORMAÇÃO DE GAIA EM MERCADORIA: OS INTERESSES DO CAPITAL E A NECESSIDADE DE UMA REVOLUÇÃO PLANETÁRIA

LA TRANSFORMACIÓN DE GAIA EN MERCANCÍA: LOS INTERESES DEL CAPITAL Y LA NECESIDAD DE UNA REVOLUCIÓN PLANETARIA

Reasilva Aurora Alves da Silva¹

Árllan Maciel²

Mateus Ferreira Santos³

RESUMO: Esse artigo propõe uma aproximação dialógica entre um dos mais influentes intelectuais da Teologia da Libertação, Leonardo Boff, com discussões atualizadas da antropóloga-filósofa Isabelle Stengers acerca de Gaia e o protagonismo do capitalismo enquanto modo de produção e organização social no comprometimento da vida na Terra. Nesse espaço evidenciaremos as contribuições das comunidades de base no estabelecimento de outras relações com o planeta, além da supressão das injustiças sociais promovidas pelo sistema social ao qual participamos. Ambos autores apontam o capitalismo como principal inimigo de Gaia e gerador do fim da própria vida. A partir dessas reflexões poderemos repensar e pensar possíveis maneiras de nos relacionarmos com o cosmos.

Palavras-chave: Teologia da Libertação, Gaia, Capitalismo.

RESUMEN: Este artículo propone una aproximación dialógica entre uno de los más influyentes intelectuales de la Teología de la Libertación, Leonardo Boff, con discusiones recientes de la antropóloga-filósofa Isabelle Stengers acerca de Gaia y el protagonismo del capitalismo como un modo de producción y organización social que pone en riesgo la vida en la Tierra. En este texto resaltaremos las contribuciones de las comunidades de base en el establecimiento de otras relaciones con el planeta, además de su papel en la supresión de las injusticias sociales promovidas por el sistema social al cual hacemos parte. Ambos autores señalan el capitalismo como principal enemigo de Gaia y responsable por el fin de la vida. De estas reflexiones podremos repensar y pensar posibles maneras de relacionarnos con el cosmos.

PALABRAS-CLAVE: Teología de la Libertación, Gaia, Capitalismo.

Nosso destino está atrelado ao destino da Terra. Mas a Terra, que para Leonardo Boff (2018) é sistema-Terra, um “planeta com imenso equilíbrio e espantosa dosagem de todos os elementos benfazejos para a vida” tem um destino próprio, que pode ir além ao dos seus

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - Campus Erechim. Contato: reasilvaaurora.silva@gmail.com.

² Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Contato: arllanmaciel@gmail.com.

³ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Contato: mateussantos131313@gmail.com.

filhos/criações. Mais do que ser Terra, é Gaia, é um ente vivo que é também morada comum. Casa não apenas nossa, todavia de uma infinidade de seres que, assim como nós, têm seu destino conectado ao rumo que esse planeta terá. É diante desse cenário conturbado que Boff encara a empreitada de pensar a respeito dos dilemas que se apresentam de forma cada vez mais dramática, e que bagunçam a nossa forma de pensar o mundo, ao colocar em xeque discursos enraizados no imaginário Ocidental. Em especial, aqueles que encaram o planeta Terra como mero gerador de recursos para a produção capitalista e, assim, abrem precedentes para “tomar posse”, ao menos crê-se assim, a respeito desse macroorganismo de complexidade inenarrável.

A proposta desse texto, então, é seguir os rumos de pensamento que Leonardo Boff vem construindo ao longo desses anos de importantes atuações intelectuais e políticas, buscando entender como suas reflexões nos ajudam a pensar o contexto em que vivemos e, mais que isso, como podemos criar práticas de respeito e cuidado com o mundo e uns com os outros. Para tanto, tentaremos traçar relações entre a teologia construída por Boff, sua eclesiologia militante e os preceitos que a ela se agregam, junto às concepções de ecologia e ética do cuidado, bem como outros constructos que, na medida em que se fizerem importantes, surgirão no texto.

Outra proposta que aqui se desenvolverá, ainda que de maneira complementar, é a tentativa de se estabelecer um diálogo entre as já citadas ideias de Boff e as interessantíssimas reflexões da antropóloga-filósofa Isabelle Stengers, uma vez que ambos fazem recortes temáticos bem semelhantes e tratam do tema com o compromisso que ele demanda, ainda que sob bases diferentes e partindo de premissas distintas. Além do mais, utilizam termos análogos, o que permite traçar relações e ampliar ainda mais o prisma das interpretações possíveis. Vale ressaltar que esse diálogo não é pensado enquanto um embate, até porque o foco ainda é estar seguindo Boff, e esses apontamentos, então, se encaixam no texto à guisa de diversificação de pontos de vista.

COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE (CEBs): INSTRUMENTO DE EVANGELIZAÇÃO, ESPAÇO DE LIBERTAÇÃO

Religiões e ecologia vem traçando caminhos que se aproximam atualmente, seja porque uma preza pela vida em seu sentido dinâmico e outra pelas criaturas de seu, ou, seus criadores. Apesar das diferenças evidentes entre essas duas abordagens, certamente quando juntas, em cooperação, seus objetivos comuns, no que se refere à preservação da vida na Terra, será alcançado. Essa cooperação pode ser bem sucedida à medida que pensar Gaia esteja associado à conscientização de seu adoecimento junto aos fiéis e envolvidos.

Segundo Maçaneiro (2011, p. 12), ecologia e instituições religiosas podem conversar, já que

[...] as religiões afirmam a sacralidade da vida e da natureza; remetem o princípio da existência humana e planetária à transcendência; esboçam ‘desenhos do mundo’

de perspectiva holística; celebram a fecundidade do solo; reconhecem a dimensão estética do universo; propõe virtudes morais de impacto direto na convivência dos humanos entre si e destes com o meio vital.

Sendo assim, ambas perspectivas se preocupam com Gaia e em sentido amplo, com a manutenção da vida. Seguido a isso, temos que estudiosos do meio ambiente, bem como políticos, estão junto às instituições religiosas promovendo pesquisas, fóruns, e redes de discussões mais próximas com os cidadãos que promovem a conscientização, a criação de práticas sustentáveis e soluções para a situação ambiental de uma maneira inclusiva e democrática.

Quando pensamos a figura do cristianismo, uma das organizações religiosas que mais congregam pessoas no mundo, percebemos que a ecologia, nossa relação com a natureza, tem algum destaque, visto que para os cristãos, é na natureza que se ambienta o Deus (MAÇANEIRO, 2011). Logo, o Criador confia à humanidade o cuidado à natureza e as criaturas que nela sobrevivem incluindo a própria mulher e homem. Desta forma, no cristianismo dispomos de uma ética que perpassa a cotidianidade de seus crentes, para atingir as relações que estabelecem com a natureza (os seres e ambientes do Criador).

É no Evangelho de Jesus Cristo que emerge a ideia de um “Cristo cósmico” aos católicos, o qual é evidenciado por Boff e que iremos discorrer mais adiante. Esse Cristo que não é apenas humano, é também vida, universo, pensa não apenas na humanidade, mas no meio ambiente (com suas diversidades vegetais e animais) e no cosmos dinamicamente. A partir disso, é possível falarmos em um comunitarismo cristão, que propaga a fraternidade horizontal e universal entre a natureza e as criaturas que coexistem no cosmos. Desse modo, esse “Cristo cósmico” se configura como o portador e disseminador de uma cosmovisão que pensa o mundo ecologicamente.

Quando admitimos que há uma ética cristã ecológica que contribui sobremaneira para a preservação, e, melhoramento de nossas condições de vida em Gaia, torna-se viável o delineamento de estratégias que convergem a essa finalidade. Em consequência disso, Maçaneiro (2011) escreve que a partir do século XX muitos pensadores têm escrito sobre uma ética ecológica balizada pelo cristianismo, autores esses como Leonardo Boff no Brasil. A ética cristã propõe uma a) Visão sacramental e dinâmica do universo; b) Primado do bem comum; c) Desenvolvimento sustentável; d) Responsabilidade humana; e) Conversão de paradigmas; f) Estratégias ecológicas, todas esses princípios procuram refletir na materialização de ações que contribuam para a manutenção da vida na Terra, e de relações apaziguadas com o ambiente.

Isto posto, com a ascensão de uma ética ecológica religiosa que se preocupa com a natureza, não a tomando apenas como fonte “inesgotável” de recursos, podemos pensar na superação de um modelo orientador das socialidades que outrora percebia a cultura, única e exclusivamente, como o triunfo sobre a natureza.

Por conseguinte, não nos é permitido escrever sobre uma ética ecológica cristã sem

denotarmos a importância da Teologia da Libertação, e de um de seus pensadores, Leonardo Boff. A Teologia da Libertação foi não apenas, como seu próprio nome já aponta, uma teologia, mas um movimento social enraizado numa ética cristã que visava a supressão das injustiças sociais, o cenário de exploração e dos crimes contra a humanidade os quais os povos latino-americanos sofriam, principalmente a partir da década de 1960. Assim sendo, antes de tudo é importante dizer, Boff é um cristão que demonstrou as contradições de sua própria instituição de fé, e procurou estabelecer um outro modelo de igreja, as comunidades de base, que se constituíam pelos e a partir dos oprimidos.

A igreja é percebida por Boff como a articulação entre o âmbito religioso e eclesial com o eclesial-sacramental, isto é, como uma instituição social, sacramental e instrumento de salvação. E é por isso que a “igreja está dentro do mundo e não o mundo dentro da igreja” (BOFF, 1982, p. 173). Por ser assim, essa instituição deve transmitir os ensinamentos salvíficos de Cristo, como também viabilizar a libertação dos pobres por meio do sacramento. É nesse cenário, de opressão e injustiças sociais, que a denominada Teologia da Libertação surge, propondo uma igreja libertadora que assume protagonismo junto às comunidades dos pobres, aos cristãos latinos.

A América Latina tem um modo de produção dissimétrico, que acaba por limitar a vida das pessoas, independente de suas vontades, e essa restrição se reflete na atividade religiosa eclesial (BOFF, 1982). Sendo assim, é fundamental que a Igreja adquira um papel revolucionário, caso contrário, ao ser perpassada por relações de contradição, se torna reprodutora dos meios hegemônicos de exclusão social. Boff (1982) ainda expõe que a igreja é historicamente dissimétrica, e é, principalmente nesse ponto que o teólogo acaba entrando em conflito direto com a Igreja Católica, ao dizer que a igreja desenvolve ao longo de sua existência, “[...] um processo de expropriação dos meios de produção religiosa por parte do clero contra o povo cristão” (1982, p. 178-179), além de evidenciar que a igreja detém o monopólio legítimo do poder religioso, e é legitimadora da ordem operante.

É a partir dessas características elencadas sobre a igreja que Boff a considera como contraditória. Uma igreja que, de um lado, historicamente legitima e se beneficia da ordem social opressora; e, de outro, desenvolve todo um trabalho de conversão que tem uma postura contrária, pregando “[...] um modo de produção simétrico, participado e fraterno.” (BOFF, 1982, p. 180). Procurando demonstrar que outra postura religiosa é possível, o autor escreve acerca das comunidades de base, uma igreja que seja de base, tenha por interesse religioso a autolegitimação da libertação, a contralegitimação e desnaturalização da dominação (BOFF, 1982, p. 183).

Somente dessa maneira, de acordo com Boff, uma igreja popular será realmente institucionalizada, uma igreja que, como mencionado antes, esteja dentro do mundo, próxima às classes subalternas. Há após a emergência de um cristianismo que tome essencialmente como fundamento o Evangelho de Jesus Cristo, aquele que propõe a libertação das injustiças, “[...] um cristianismo que se articula com as expectativas e

demandas dos oprimidos emerge como libertário e a comunidade eclesial de base como libertadora.” (BOFF, 1982, p. 189)

As comunidades eclesiais de base são focos de evangelização e motores de libertação. Para Boff (1982), as bases desenvolvem o espírito comunitário, e em sua maioria, as comunidades são pequenas, formadas por 15 a 20 famílias, todavia seus princípios convergem com os das “Igrejas-grandes”, sendo as comunidades de base resposta aos desafios enfrentados pelo povo oprimido e crente.

A fé é o fermento de libertação, e a igreja é um acontecimento. A Igreja popular é o encontro em que fé representada pelo Evangelho, e vida, correspondendo aos problemas e opressões, acontecem. No entanto, uma Igreja se fortalece mediante o carisma, que Boff (1982, p. 240) caracteriza como “[...] uma manifestação da presença do Espírito nos membros da comunidade, fazendo com que tudo o que são e fazem, seja feito e ordenado em benefício de todos.”

É fundamental que o carisma persevere tanto na “Igreja-grande” como na “Igreja popular”, pois é o carisma o serviço e a função de seus membros que garantem a unidade e a própria existência da Igreja. É um agente fortalecedor e é inerente a dimensão horizontal da igreja, é o que a mantém viva, é o serviço de vigilância e de condução, de assistência, não de hierarquia como usualmente é compreendido e que se vê na Igreja atual (BOFF, 1982). O carisma é aspecto, como exposto antes, fundamental da igreja popular, é a unidade. Não se faz igreja do Povo de Deus sem carisma.

Para Boff (2014, s.p.) quando se trata dos povos latino-americanos não é coerente falarmos apenas que é uma região do globo em que a desigualdade aflora, pois ao autor essa palavra se caracteriza como um termo neutro, é necessário dizermos injustiça. Além disso, segundo Boff, a fé contribui no desenvolvimento social sustentável e menos desigual, gerando a libertação dos pobres ao privilegiar

[...] os meios não violentos, a força do amor, a capacidade inexaurível do diálogo e da persuasão e procurando entender também à luz de critérios éticos, firmados na Tradição, [o que torna] a violência às vezes inevitável porque imposta pelos que não querem nenhuma mudança.

Não se pode pensar em igreja libertadora desagregando-a da política, em seus dois sentidos usuais. Leonardo Boff (1986) e os teólogos da libertação cogitam a política enquanto duas dimensões normativas, a política como a busca do bem comum, promoção dos direitos, da justiça, a denúncia da corrupção e da violação da dignidade humana. Nesse ponto, a igreja deve entrar na Política, não pode ser indiferente à justiça ou injustiça de uma causa, sendo assim, em política não há neutralidade. E há a política partidária, a qual o povo de Deus pode e tem de participar objetivando a produção de agentes de transformação permanente da sociedade.

Conforme Boff (2015), há a necessidade da promoção de atividades de educação para a participação, as quais o autor chama de *politização*, que não deve ser confundida com

politicagem. Politização é um conceito positivo e significa a ação educadora para o social, o político e a co-responsabilidade. Por conseguinte,

Não basta uma libertação pessoal e interior do homem que não transforme as estruturas eivadas de pecado em que ele vive e pelas quais se sente condicionado. Por isso essa libertação tem necessariamente um alcance político, dentro de um contexto econômico e social (BETTO, p. 5, 1985).

É baseada nessa ideia de que não se faz igreja, nem se tem religião dissociada de política, e, que essa política tem de ser em nome dos que se veem em condições de dominação, que as comunidades eclesiais se originaram e fortaleceram durante o fim do século XX no Brasil. Emerge naquele momento uma igreja que rompia com o dualismo existente entre fé e vida, agora falar da fé envolve dizer sobre como a família vive, em que condições vive e quais são suas dificuldades de sobrevivência.

As CEBs surgiram durante a Ditadura Militar brasileira, assim como, no mesmo período das demais ditaduras latino-americanas. Contrapondo-se a um regime autoritário, direitista e fomentador das injustiças sociais, essas comunidades passam a ser instrumentos políticos de atuação efetiva junto aos oprimidos. Não se caracterizando apenas como expositoras dos desígnios de sua fé, se manifestaram como organizações de participação que significaram a partir da práxis. Para essas organizações religiosas-políticas, a função das igrejas não se reduz ao falar em Cristo e do amor de Deus, mas apontar as injustiças, combater a dominação dos que têm poder, e a consequente opressão. A partir disso, a igreja passa a se caracterizar como reprodutora do evangelho de Jesus, e como produtora de uma outra realidade social, libertária, aos cristãos que se veem em condições de miséria.

Entretanto, junto a práxis libertadora, as CEBs contribuíram para o desenvolvimento de outras relações com o ambiente. Fundamentadas nessa ética cristã que se personaliza em muitos casos como ecológica, as comunidades se constituíram de maneira distinta aos modos de vida vigentes até então na relação com a natureza. Seja no meio urbano baseado na luta por moradia digna, tratamento de esgotos e cultivo de áreas de lazer, ou no campo, a partir da ressignificação da relação dos pequenos agricultores com a terra, fazendo uma aproximação dos mesmos com métodos sustentáveis, como a agroecologia (BETTO, 1985).

Assim, ao refletirmos sobre a disseminação da ética ecológica cristã que proporciona um outro modo de vida e relacionamento com a Terra, é possível falarmos na eliminação do *ethos* individualista e competitivo que acontece nas relações sociais entre humanos e nas relações com a natureza, substituídos por modos de vida cooperativos e que respeitem nossa relação de dependência diante do meio ambiente. É por trazer junto aos seus princípios dominadores, esse *ethos* autodestrutivo, que o capitalismo se “personifica” como o principal inimigo de Gaia e da própria humanidade. Levar o capitalismo até suas últimas consequências, sem dúvidas, arrastará a humanidade até seu fim. Combater esse modo econômico e social de socialidade é dar espaço para a vida, é garantir nossa sobrevivência neste planeta por mais algum tempo. É partindo dessas observações que iremos discorrer

mais adiante.

O DESEQUILÍBRIO DE GAIA: ADOECIMENTO E IRRITAÇÃO

Usualmente quando as Ciências Sociais passam a olhar as religiões é sob a perspectiva de que são instituições que compõem e alicerçam a vida social. Ainda nesse aspecto, pensá-las como lócus de movimentação social no sentido de conscientização ecológica é raro. Mais difícil ainda é analisarmos as religiões considerando suas pedagogias da ecologia, e filosofias do comprometimento com outros (coisas e humanidade).

Leonardo Boff, ao articular o religioso com as ciências sociais, expressa uma visão de mundo alternativa onde a ecologia assume relevância teológica, defendendo uma ampla ética do cuidado. Entende que tudo o que existe merece existir, sejam as criaturas, os oceanos, as montanhas ou todo ser que compõe esse sistema extremamente complexo, inteligente e “de profunda clarividência”. O sistema Gaia, para Boff, só poderia ser organizado por uma inteligência muito superior à nossa, e é a partir dessa compreensão que se redescobre a ideia do já citado “Cristo Cósmico”.

Esse Cristo Cósmico não diz respeito apenas à robustez do macroorganismo vivo de Gaia, mas sim desse sistema inserido em outros sistemas, como o sistema solar, as galáxias, ou seja, Gaia no cosmos. É, então, o portador e disseminador de uma cosmovisão que pensa o mundo ecologicamente, articulando os seres, humanos e não humanos, numa “fraternidade horizontal e universal” entre a natureza e suas criaturas que coexistem no cosmos. Esse universo, Gaia inclusa, pode ser, assim como a humanidade, violento e cooperativo. Grande parte disso depende, portanto, da maneira como vivemos no mundo, como entendemos sua dinâmica e como, coletivamente, aprendemos a “morar” nessa grande casa.

Se vivemos de maneira responsável, prezando por todos os seres vivos e, mais do que isso, praticando a ética do cuidado, que nos impele a ter “uma relação amorosa, uma relação envolvente com a realidade”, o mundo responde de maneira similar. Se, por outro lado, constituímos uma relação predatória para com os recursos da Terra, monetizando tudo e qualquer coisa que for possível, se estabelecermos relações de desrespeito e utilitarismo, tanto com os seres humanos quanto com os outros entes vivos da natureza, Gaia terá outro tratamento diante da humanidade. Porque, assim como nós, os outros seres também são seus “filhos” e moradores, e merecem, tanto quanto nós, viver com respeito e dignidade.

Assim, se a humanidade ameaça a existência de tantos outros vivos, e do próprio planeta, é natural que a resposta de Gaia seja de repreensão. Porque Gaia é mãe. E uma mãe cuida, mas também pune, quando isso se faz necessário. Mas essa forma de lidar com o mundo, essa objetificação radical e exploração irrefreada dos recursos é consequência de um processo advindo, dentre outras coisas, da construção da mentalidade capitalista que ganha cada vez mais força na modernidade, de modo que todo esse constante desrespeito que a humanidade Ocidental vem perpetuando está diretamente ligado a um processo

de desencantamento das coisas, entre mundo e pessoas, e que dele se derivam tantas outras atitudes de predação e de barbárie no capitalismo. Reencantar a natureza, então, é necessário para concretizar essa ética do cuidado.

Para Boff, “reencantar a natureza” significa a observação do meio natural sob as óticas cultural, religiosa e ética. Isso porque o autor, de origem católica, já tendo sido padre e tendo sua formação se dado em grande medida dentro da Igreja, com suas hierarquias e dilemas já bem conhecidos, dedicou seus esforços teológicos e políticos a repensar a atuação da Igreja frente as mazelas do mundo, se colocando sempre ao lado dos pobres e dos oprimidos. E esse “colocar-se” não diz respeito somente a ele, individualmente, mas principalmente ao fato de estar inserido profundamente na Teologia da Libertação. Essa teologia coloca como elemento central a mensagem anti-opressão presente na vida de Jesus Cristo que, ele mesmo pobre, reconhecia a escolha de Deus pelos pobres em muitos sentidos. Assim, ao falar sobre uma Igreja Cristã que seja efetivamente mãe dos pobres, dos oprimidos, Boff, não esquece em nenhum momento da sustentabilidade da vida em Gaia, convergindo a proposta de justiça social e direito ambiental em um mesmo plano.

Mas reencantamento não se refere apenas à natureza, e sim à vida em seu sentido amplo. Leonardo Boff considera que Gaia é vida ao ser composta por vidas, então, se caracteriza como um macroorganismo vivo que, assim como a humanidade, pode ser violenta e cooperativa. Para Boff, Gaia jamais deixou de aplicar seu significado etimológico, de ser *mater*, mãe ao ser vida. E se preciso for, acabar com a humanidade para preservar outras vidas, agirá bem assim, como já fez em momentos anteriores. Assim também, reencantar significa ser e cultivar vida, refundando as bases da existência humana amparadas na ética do cuidado, que é a de acordo com Boff (*apud* MIRANDA, 2010) “condição prévia para que o ser possa aparecer”, e que está sempre consciente para “prevenir danos futuros e resgatar danos já acontecidos”.

A concepção de Gaia, então, aparece como uma imagem de poderosa capacidade de mobilização, e que extrapola as instâncias do imaginário. Formulada inicialmente por James Lovelock, serviu de base para muitos pensadores constituírem um vocabulário político que leva em conta a Terra mais do que como uma natureza inerte e passiva, e começa a percebê-la em suas relações com os seres que nela habitam, tomando-a, também, como ser habitável e habitado (BOFF, 2008). Partindo daí, muitas formulações se tornam possíveis, e se mostra muito interessante comparar a de Boff, que será melhor exposta, com a de Isabelle Stengers.

Segundo a concepção de Boff, Gaia enquanto um ser, um sujeito, tem estrita relação com o equilíbrio da vida, fazendo a necessária regulação de seus componentes e garantindo que a vida (ou caberia dizer “as vidas”, pois são múltiplas e nem sempre as mesmas, o que se faz visível quando observamos o percurso da evolução climática e biológica na Terra) esteja sempre protegida e suprida, nos termos dela mesma, que não necessariamente são os nossos.

E é nesse ponto que a humanidade entra nessa dinâmica. Fica evidente a dimensão sagrada atribuída por Boff à ideia de Gaia, e ela ganha novos contornos quando o autor relaciona o conceito com as divindades de alguns povos originários, também relacionadas à fertilidade e vida, mas, especialmente ao cuidado.

Stengers (2017), sob prisma distinto, nos apresenta outros pontos que, convergentes ou não com os dizeres de Boff, nos chamam a aprofundar mais ainda nesse ente que é Gaia. Começando pela ideia de que chamar de Gaia é dizer não se tratar apenas de um planeta, um “objeto” que contém muitos outros objetos em si, eventualmente alguns humanos. Se Gaia não é um objeto, um instrumento, é sim um sujeito.

Nesse aspecto, Boff e Stengers apresentam semelhanças, principalmente na consideração de algo próximo à agência. Só que, para a filósofa, não se trata de atribuir agência, mas sim entender todos esses entes como sendo partes de agenciamentos complexos e dinâmicos. Estávamos acostumados a ver a Terra como estável, inerte, mas frente às destrutivas e devastadoras ações humanas, Gaia “mostra sua dimensão hiper-irritável – irritável no sentido de que nós somos capazes, não de dominá-la, mas de ‘ofendê-la’, ou seja, de provocá-la, fazer com que ela abandone esse regime de estabilidade” (STENGERS, 2017, p. 122). Não se trata, portanto, de uma vingança por parte de Gaia, pois não é apenas quem a atacou que sofrerá com as consequências dessa “resposta”.

Sendo assim, como Maçaneiro escreve, ao falar sobre as relações existentes entre o cristianismo e Gaia, “A humanidade não habita a Terra sozinha, mas *com* e *em meio* à teia da vida. Pois a Terra é *oikos* (morada) e *oikoumene* (casa comum) de todas as etnias e da diversidade dos reinos mineral, vegetal e animal” (2011, p. 74). Nesse sentido, seus escritos se direcionam ao encontro do que Isabelle Stengers (2018) nos alerta acerca da produção de cosmologias. Stengers menciona que o *Oikós*, o lugar, a morada do ser, é inseparável do *ethos*, a maneira como esse mesmo ser se comporta na sua morada. Assim, a autora nos diz que, pelo fato do ser estar na morada e se significar e produzir significado do lugar, é possível a construção coletiva de um *oikós*, que em outro momento Stengers denominou de lugar possível. Em outras palavras, não é possível pensar (*ethos*) no ambiente (*oikós*) sem o próprio ambiente. Gaia não é um objeto, um instrumento, mas um sujeito, por isso a necessidade da criação coletiva.

Stengers (2017) menciona que devemos reconhecer Gaia como um sujeito, um sujeito que como nós tem capacidade de decidir, mais ainda, que compõe e é composta por agenciamentos múltiplos. E, por isso, diante da situação em que nos deparamos atualmente, diante dessa desestabilização das condições climáticas, poluição, tomada de ações pouco sustentáveis, faz-se necessário que aprendamos a compor com Gaia, a dialogarmos com Gaia, e estabelecermos estratégias que consideram a voz desse sujeito. Só assim, talvez possamos promover a vida na Terra e seu equilíbrio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o leitor, provavelmente, já deve ser sabido que a Teologia da Libertação se caracterizou como um movimento político-religioso que para além de ter como base o Evangelho Cristão, se apoiou nos escritos do sociólogo Karl Marx. Pensador que refletia sobre as condições de vida deploráveis as quais a maioria das pessoas viviam no mundo Ocidental após as Revoluções Industriais, e as relações diretas que esses acontecimentos tinham com a emergência do sistema capitalista.

Marx (2004) seguindo na contramão de inúmeros estudiosos de sua época escrevia sobre a transitoriedade desse sistema, além de expor os problemas que o capitalismo suscita tanto na vida material das pessoas, ao reduzir aspectos fundamentais de sobrevivência ao dinheiro, e na vida espiritual, quando oculta do próprio homem o seu ser genérico, isto é, ao impossibilitar aos homens e mulheres uma vida digna que não se limite à exploração de suas forças de trabalho.

Ao se dedicar à análise do sistema capitalista expondo suas contradições e, principalmente, a opressão que grande parte da população está submetida, Marx (2004) esclarece que considerar o modo de produção capitalista de maneira naturalizada, tratando-o enquanto constituinte de um estágio de “evolução” natural da sociedade, é ignorar seu movimento histórico. Em contraposição, os economistas liberais alegam que a economia política parte de um fato econômico real, dado e acabado (que se configura como uma determinação definitiva da realidade), mas para Marx, esse “fato econômico real” nada mais é do que o resultado do processo da alienação do trabalho que acaba “por produzir mercadorias, a si mesmo e ao trabalhador como mercadoria.” (MARX, 2004). De acordo com o autor, é somente por meio da consideração da crítica da economia política como aliada a seu devir histórico que esse sistema poderá ser superado, e quiçá a libertação dos oprimidos conquistada.

Quando consideramos essas especificidades do pensamento de Marx podemos perceber o porquê da influência tão direta no desenvolvimento da Teologia da Libertação, e em sentido mais amplo, no aprimoramento de uma ética cristã ecológica que se preocupa com Gaia e as injustiças às quais mulheres e homens se deparam todos os dias. É nesse sentido, que Mészáros (2016) escreve que no pensamento marxiano é possível visualizar uma teoria moral que delinea a liberdade humana.

Para Mészáros (2016), Marx toma a humanidade como um ser que antes de tudo, é natural. E por ser assim, pode fazer de si o que quiser de acordo com o contexto histórico que vive, seja se manifestando egoisticamente ou habitando o ambiente de maneira cooperativa. Mas ainda segundo Marx (2004), o mundo o qual vivemos faz com que a humanidade refute a sua própria condição natural, que se expressa nas relações necessárias entre o ser objetivo (homem) com seus objetos que significam, o que podemos dizer, dá lugar a uma relação exploratória e depredadora para com a natureza.

Assim, a liberdade é inexistente em um cenário onde essa condição natural da

humanidade é inviabilizada. Se a liberdade se manifesta a partir da expressão humana diversa e em contato permanente com o seu ser genérico e natural, numa sociedade capitalista nada disso é possível, em consequência a liberdade também não o é. É diante disso, que a libertação em seu sentido amplo é requerida pelas pessoas. Os oprimidos estão acordados e reivindicam uma liberdade que não seja apenas formal (MÈSZÁROS, 2016), que na prática não existe, já que as injustiças econômicas e sociais são gritantes, e uma igualdade puramente formal a qual a dimensão jurídico-política oculta a desigualdade real, todos queremos uma liberdade e igualdade que seja justiça social e direito ambiental. Caso contrário, a existência humana e do próprio sujeito Gaia está ameaçada.

Entender como o modo de viver capitalista-consumista é danoso e cruel para com a vida em geral, passa por nos conscientizarmos primeiro que a humanidade não é o centro da realidade. Novamente para Boff, a centralidade se encontra na vida, em seu processo de irrupção, propagação e complexificação; dessa maneira, a vida humana como conhecemos, não seria nada mais que uma das infinitas possibilidades de diversificação da vida.

Boff (2008) chama a atenção para o que alguns cientistas da vida e do cosmos apontam sobre a emergência da vida, a fonte originária de todo ser. Isso acontece quando o processo cosmogênico, série de acontecimentos que se equilibram precariamente entre ordem e desordem, entre todas as substâncias que existem, entre a criação, destruição, e recriação, numa relação equivalente a uma dialética cósmica que atinge os mais altos graus de complexidade, é essa fonte originária que Leonardo Boff se refere como suprema expressão de Deus.

O que a vida tem de essencial, quando pensamos em seu surgimento e contínua complexificação, é o cuidado. É a partir do cuidado que se torna possível o milagre (vida) e seu aparecimento, que é fruto de uma série de relações, construções, composições e agenciamentos específicos e necessários.

Assim como o universo tem uma história, com suas implicações e características próprias, a humanidade em Gaia também possui uma história particular, em grande medida egoísta nos tempos em que vivemos. Chamamos atenção para o caráter particular e egoísta da nossa história, pois agora a crise ambiental, o que Stengers chama de intrusão de Gaia em nossas vidas, é resultado do entrelaçamento dessas histórias. A crise do hoje nos faz pensar o desmoronamento do nosso mundo, na falência dessa economia global capitalista, e das sociedades modernas Ocidentais. Mas também, nos convoca a refletir que o fim deste mundo monetarizado, de grande instrumentalização da natureza, não precisa ser necessariamente o fim de todas as humanidades.

Em dado momento da nossa história, com a vitória do pensamento analítico-racional sobre as antigas práticas para com a Terra, construímos as condições para o desenvolvimento do capitalismo global, um ordenamento social que estimula a individualização das responsabilidades e das mazelas sociais. A instrumentalização da natureza que retira do planeta o caráter de sujeito é a ruptura definitiva da nossa sociedade com a Terra enquanto

uma realidade vivível.

O capitalismo se caracteriza como um terrível regime de concentração de riquezas, de profunda exploração das camadas populares e do planeta, e como um modo de produção e reprodução insustentável que está nas mãos de uma pequena classe dominante. A brutalidade pela qual o capitalismo impõe seus interesses sobre os diversos povos da Terra, transformando à força tudo o que consegue em mercadoria, e se aproveitando de suas próprias crises cíclicas como oportunidades de concentração de riquezas, é o que nos leva a pensá-lo como um regime anti-vida.

O capitalismo é aquilo que nos transcende e aquilo com o que temos que lidar, sua ideologia neoliberal e seu consumo predatório e irreparável sobre o planeta o figura como o principal ente inimigo de Gaia, a criação humana mais destrutiva e nossa criação mais contrária ao processo de cosmogênese.

A crise ecológica que vivemos hoje não diz respeito apenas às mudanças ambientais, como o aquecimento do planeta e a salinização dos mares, mas também dos milhões de famintos no mundo, dos despossuídos em geral e dos governos ilegítimos ao redor do globo. O capitalismo é a expressão da injustiça social e ecológica, do desemprego sistêmico e do desaparecimento massivo de viventes, é o promotor do adoecimento de Gaia. No entanto, Gaia não apenas está adoecida, como também irritada, sendo bem plausível que ela, enquanto única entidade Terra e humanidade, possa sacrificar a última em favor da vida.

Leonardo Boff pensa esse momento atual como a chance de encontrarmos um novo encantamento para o mundo. O autor defende que o sentido de viver na Terra é justamente celebrá-la, entrar em comunhão e em sinergia com a vida. Talvez não se trata só de crise, humanidade vive agora tempos de barbárie, e é nesse sentido que Stengers justamente combate a discussão em torno de “crise” ao falarmos em Gaia.

Ofendemos e adoecemos Gaia com nossas ações predatórias, fizemos com que nossas ações gerassem um estado que seria melhor descrito pela proximidade ao ponto de inflexão de Gaia, e não por uma crise passageira (STENGER, 2017). O nosso destino, assim como a noção de uma Gaia irritada e doente, é incerto. É o momento de nos reencontrarmos com maneiras de viver em que saibamos compor com Gaia enquanto sujeito e nos distanciarmos de modos anti-vida; temos de olhar para outras humanidades e compormos fraternalmente um novo encantamento que celebre a vida e preze pelo que ela tem de essencial, o cuidado.

REFERÊNCIAS

BETTO, F. *O que é comunidade eclesial de base?*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BOFF, L. “A nova utopia da Terra como Gaia”. In.: STARLING, H. M. M. *et al* (Orgs). *Utopias agrárias*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

BOFF, L. *Igreja, carisma e poder: ensaios de Eclesiologia Militante*. Petrópolis: Vozes, 1982.

BOFF, L. “O capitalismo será derrotado pela Terra”. In: *Jornal do Brasil*, 2015. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/leonardo-boff/noticias/2015/11/29/o-capitalismo-sera-derrotado-pela-terra/>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

BOFF, L. “O centro não é o ser humano mas a vida em sua diversidade”. Blog Leonardo Boff, 2018. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2018/05/14/o-centro-nao-e-o-ser-humano-mas-a-vida-em-sua-diversidade/>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

LÖWY, M. “Marxismo e Cristianismo na América Latina”. In: *Revista Lua Nova*, n.19, São Paulo, Nov. 1989.

MAÇANEIRO, M. “Introdução”. In.: _____. *Religiões e Ecologia: cosmovisão, valores, tarefas*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 11-14.

MAÇANEIRO, M. “Cristianismo”. In.: _____. *Religiões e Ecologia: cosmovisão, valores, tarefas*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 71-92.

MARX, K. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MÈSZÁROS, I. *Teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2016.

MIRANDA, A. *Ética e Ecologia desafios do século XXI de Leonardo Boff*, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6YFTh2yEPlk>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

STENGERS, I. “A proposição cosmopolítica”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, abr. 2018. p. 442-464.

STENGERS, I. “Gaia”. *Catálogo Fórum Doc. BH*. Belo Horizonte, 2017. p. 120 - 126.

PRÁXISCOMUNAL

Práxis Comunal
v1.n.1 JAN-DEZ. 2018
Periodicidade: Anual

seer.ufmg.br/index.php/praxiscomunal
praxiscomunal@fafich.ufmg.br

SILVA, Reasilva Aurora Alves da; MACIEL, Árlan; SANTOS, Mateus Ferreira. A transformação de Gaia em mercadoria: os interesses do capital e a necessidade de uma revolução planetária. Data de submissão: 14/07/2018 | Data de aprovação: 05/10/2018

A Práxis Comunal é uma revista eletrônica da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Como citar este artigo:

SILVA, Reasilva Aurora Alves da; MACIEL, Árlan; SANTOS, Mateus Ferreira. A transformação de Gaia em mercadoria: os interesses do capital e a necessidade de uma revolução planetária. In: **Práxis Comunal**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 142-154, jan./dez. 2018.